

Mount^{VOICES}ain

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XVIII | #114 | jul/ago 2010



Escalada
Aiuruoca
Serra da Bocaina

Montanhismo
Altos da Mantiqueira
Acesso livre até quando?


SNAKE

reach
the
top

www.snake.com.br

COMPROMISSO
COM GARANTIA



DRY STONE Trekking



ANHANGAVA Climbing



3X Trail running

TECNOLOGIAS



CORDURA®





Vestuário



Mochilas



Sacos de dormir



Acessórios



Novas companheiras, novos desafios

Mochila Alpina 43

RESISTENTE E VERSÁTIL

Perfeita para o ataque a montanhas ou uso em viagens curtas. capa de chuva embutida para proteger a mochila. bolso interno em tela de fácil acesso, ideal para levar documentos e pequenos objetos. Feita em tecido Ripstop com fundo reforçado. Armação, interna nas costas.

Mochila Crampon 16

PARA SEU DIA-A-DIA

Ideal para levar para a academia. Toda em tecido Ripstop. Indicada para público feminino ou usuários de menor estatura.

Enduro 3000

COMPANHEIRO DE CAMINHADAS

Um estojo de cintura com alça para uso também a tiracolo, fica mais estável se você precisar correr. Alça para carregar na mão.



www.trilha-serumos.com.br

Tel.: (21) 2742-9652 / Fax: (21) 2742-5781 - sac@trilha-serumos.com.br

Internacional

GRAZIELA OLIVEIRA | RJ

Copa do Mundo de Escalada - Boulder

A Copa do Mundo ocorreu dentro do tradicional evento Teva Mountain Games. Daniel Woods foi o único competidor que resolveu mais de um problema, atingindo a maior pontuação no masculino, conquistando assim o primeiro lugar. Entre as mulheres, a final teve uma furiosa competição, garantindo à Chloe Graftiaux o primeiro lugar após o menor número de repetições.

Resultado final masculino:

1. Daniel Woods (EUA)
2. Tsukuru Hori (Japão)
3. Kilian Fischhuber (Áustria)
4. Jernej Kruder (Eslovênia)
5. Francois Kaiser (França)
6. Wouter Jongeneelen (Países Baixos)

Resultado final feminino:

1. Chloe Graftiaux (Bélgica)
2. Anna Stohr (Áustria)
3. Juliane Wurm (Alemanha)
4. Alex Puccio (EUA)
5. Alex Johnson (EUA)
6. Maud Ansade (França)

Acompanhe o mundo da escalada esportiva no site ifsc-climbing.org

Adam Ondra na Suíça

Sua visita pode ser resumida em um limpa. Em Chironico Adam mandou em um dia três 8b franceses (10b) e três 8a+ (10a), sendo um deles em flash. Em Magic Wood em dois dias de escalada ele mandou três 8b+ (10c), sendo um deles o boulder *Riverside*, um FA, graduado entre 8b+.

O resumo de seus feitos na viagem: *Riverside*, 8b+ (10c), FA, Magic Wood *Unendliche Geschichte*, 8b+ (10c), Magic Wood

From shallow waters to riverbed, 8b+(10c), 3ª entrada, Magic Wood *Einfisch kleinfisch*, 8b (10b), Chironico *The crackline*, 8b (10b), Chironico *Delusion of grandeur*, 8b (10b), Chironico *Steppenwolf*, 8b (10b), Magic Wood Outros quatro 8a+ (10a) e quatro 8a (9c)

Jovens no Everest

Correu pelo mundo a conquista do californiano Jordan Romero, 13 anos - tornou-se o mais jovem escalador a atingir o cume do Monte Everest. O fato foi duramente criticado pela comunidade médica especialista. Agora o sherpa Pemba Dorje, que escalou o Everest em oito horas e 10 minutos em 2004, esperança de encontrar um jovem alpinista nepalês que venha bater o recorde no ano que vem - tem

considerado levar seu filho de nove anos de idade.

Até a conquista de Jordan Romero, o detentor do recorde era o nepalês de 16 anos de idade Temba Tsheri, parente de Pemba Dorje. Temba ocupou o recorde por mais de 10 anos.

Everest 2 - Brasil

A amazonense residente nos EUA, Cleonice Pacheco Weidlich chegou ao cume do Everest no dia 17 de maio às 8h11, tornando-se a segunda brasileira a alcançar o topo do mundo (Ana Elisa Boscaroli foi a primeira em 2006). No mesmo dia 17, o brasileiro Manuel Morgado chegou ao cume às 8h00.

Ainda Everest - Brevíssimo resumo da temporada

O controverso cume teve em 2010 um ano de sucesso e segurança, salvo alguns incidentes. Foram aproximadamente 500 felizes montanhistas que alcançaram o cume, com 5 mortes reportadas, todas na Face Norte. O número total de cumes alcançou 5.000 desde 1953 (provavelmente em razão dos múltiplos cumes de sherpas e guias, esse número seja maior). Pela primeira vez em muitos anos, o Norte foi operado normalmente, e à seme-

lhança dos anos anteriores, o maior perigo na Face Sul continuou sendo a cascata de gelo Khumbu. Uma equipe com aproximadamente 20 sherpas foi montada para atuar na ação de limpeza que removeu muitos corpos da montanhas, e perto de 410 kilos de lixo foi coletado.

A montanhista Gerlinde Kaltenbrunner alcançou o cume sem oxigênio suplementar, totalizando seu 13º cume acima de 8000m. Outros montanhistas sem oxigênio complementar completaram a saga no Everest, sendo eles: Silvio Mondinelli, Abele Blanc, Marco Camadonna, Michele Enzo e Laval St. Germain.

Cindy Abbott, 51 anos, portadora de doença incurável (granulomatose de Wegener) atingiu o topo do mundo também.

As mortes - O primeiro foi Tom Jorgenson, que faleceu no Vale Tibetano após a descida. O segundo, Peter Kinloch, faleceu após o cume. Teve sua cegueira e abandono reportada por vários meios de comunicação, porém a localização e estado precário de saúde obrigaram a equipe a deixá-lo. Outra tragédia abalou o Everest quando László Várkonyi, excelente montanhista húngaro foi morto em uma avalanche. O japonês Hiroshi faleceu no C3, ao norte. Além dele, o montanhista russo Sergei Duganov, faleceu no Lhotse.



Nova linha ThermoFleece®

- Protege contra o vento e mantém o corpo aquecido
- Respirável, não bloqueia os vapores da transpiração

Masculino



Feminino



Acessórios





Para conhecer toda a linha acesse nosso site www.curtlo.com.br

CURTLO
Aonde você for!

Testado e aprovado até na Antártica.



Expedição realizada pelos alpinistas Carlos Eduardo, Wagner Diniz, Nelson Barretta e Beto Vilela, quando utilizaram-se das roupas de forma a protegerem-se do rigoroso clima antártico.

SOLO
Vista sua liberdade

www.solobr.com

Decreto Estadual de Uso Público nos Parques foi assinado em maio no Rio de Janeiro

FEMERJ contribuiu ativamente na elaboração da proposta com base no Termo de Cooperação Técnica com o INEA.

ASSESSORIA DE IMPRENSA FEMERJ

No dia da Mata Atlântica (bioma do nosso estado), os montanhistas do Estado do Rio de Janeiro ganharam mais um motivo para comemorar a data: a assinatura do decreto nº 42.483, de 27 de maio de 2010, que regulamenta o uso público dos parques estaduais. O texto esteve sob consulta pública na página do Instituto Estadual do Ambiente (INEA) por cerca de dois meses, quando recebeu várias contribuições que aperfeiçoaram a proposta original. A FEMERJ, que tem um Termo de Cooperação Técnica com o Instituto desde 2002, participou ativamente da elaboração da proposta, especialmente da parte referente ao montanhismo. “Mais um importante passo foi dado para que possamos continuar a praticar o montanhismo nos parques estaduais com liberdade e, como sempre, com responsabilidade”, comemorou Bernardo Collares, presidente da FEMERJ.

Estiveram presentes, compondo a mesa do evento, o governador do estado do Rio de Janeiro Sérgio Cabral, o vice-governador Luiz Fernando Pezão, a secretária do Ambiente do Rio de Janeiro, Marilene Ramos, o presidente do Instituto Estadual do Ambiente, Luiz Firmino, o diretor de Biodiversidade e Áreas Protegidas do INEA, André Ilha e o ex-ministro do Meio Ambiente e o deputado estadual Carlos Minc. Silvério Nery, presidente da Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME), veio de São Paulo especialmente para o evento. Bernardo Collares, presidente da FEMERJ, Felipe Edney, presidente da AGUIPERJ e muitos montanhistas de vários clubes de montanhismo e independentes também estiveram presentes, assim como representantes de vários outros esportes de aventura também participaram, como por exemplo, João Bandeira, da Associação de Corrida de Aventura do Estado do Rio de Janeiro, Raphael Raine, coordenador regional da ABETA no Rio de Janeiro e Haroldo Castro-Neves, vice-presidente da Associação Brasileira de Vôo Livre (ABVL).

Fato histórico

No seu discurso, Silvério Nery pontuou a grande satisfação da comunidade montanhista com a assinatura deste decreto, que vem preencher uma grande lacuna na legislação brasileira. “Agora nós temos uma ótima legislação que vai ao encontro de muitas reivindicações que temos feito há anos. Este decreto tem que servir de exemplo para os outros estados do Brasil. Ele é uma verdadeira constituição dos parques”, celebrou Silvério. Depois dos discursos das autoridades, que unanimemente citaram o montanhismo como exemplo de atividade aliada da conservação da natureza, foi



Silvério Nery discursando no evento de assinatura do decreto estadual.

assinado o decreto pelo governador Sérgio Cabral. O texto completo pode ser lido na página da FEMERJ (www.femerj.org). “Agradeço imensamente a todos os montanhistas e outros praticantes de esportes de aventura, que prestigiaram o evento. Isso foi muito importante para que o Governador, a Secretária e mesmo o Presidente do INEA pudessem ver que havia uma grande expectativa positiva em torno deste ato”, escreveu André Ilha, na lista da FEMERJ.

Ele ainda lembrou a expectativa que existe em torno da assinatura, pelo prefeito de Petrópolis, Paulo Mustranghi, de um ato similar ao que foi assinado por Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro (decreto municipal nº 31906, de 12 de fevereiro), que criou o Programa Municipal de Incentivo ao Montanhismo; e também da intenção do prefeito de Teresópolis, Jorge Mário, em reconhecer igualmente o montanhismo como uma atividade tradicional na cidade, através de um projeto de lei. A assinatura destes dois documentos é aguardada para o dia 5 de junho, quando é comemorado o Dia Mundial do Meio Ambiente.

“Cada vez mais somos reconhecidos e vamos ocupando o nosso espaço. É um trabalho de longo prazo e é feito passo a passo, dia a dia. Não tem fórmula mágica, é trabalhar, ver as coisas com perspectiva e saber que nada ocorre de uma hora para outra. Anos atrás, as autoridades nos olhavam como se tivéssemos começado a fazer montanhismo há pouco tempo. Mas, com o nosso trabalho durante todos estes anos, os órgãos públicos e as autoridades estão descobrindo e reconhecendo o nosso nível de organização e que já fazemos isso há mais de 90 anos”, exaltou Bernardo Collares.

ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL

WWW.GRINGAAGARRAS.COM.BR

COMPRE DIRETO PELO NOSSO SITE!

agarras training systems

Finger board TENDON Lançamento!

TEL: (11) 7122.1272 (11) 8574.8319

▶ **Curso de Escalada**
Conte com a experiência de nossa equipe e aprenda a escalar com tranquilidade e segurança com quem está no ramo há mais de 20 anos

▶ **Guias de Montanha**
Pedra do baú, Itatiaia, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais Rio Grande do Sul, Nordeste e centro-oeste

▶ **Expedições**
Escale as paredes mais alucinantes do planeta ! Treinamento específico para big walls e escalada tradicional Expês para Yosemite, África, Espanha e México

▶ **Abrigo**
Pertinho da Pedra do Baú, seu campo base para escalar e caminhar na Mantiqueira

MONTANHISMUS
Escola de Escalada em Rocha

Curso Básico e Avançado
Móvel - Big Wall - Conquista
Abrigo de Montanha
(12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

USAMOS O MELHOR: SOLO deuter SNAKE

Saiba mais sobre dois dos mais conceituados calçados para trekking e corrida de aventura do mundo !

Tecnologia ion-mask™

V-LITE Mach 3 WPI

O V-Lite Mach 3 WPI da Hi-Tec foi projetado exclusivamente para o trekking. A bota é leve, durável e totalmente impermeável. O Solado MDT e o sistema de construção V-Lite reduzem em até 25% do peso normal de um calçado e oferecem maior tração,

breque e controle nos terrenos acidentados. O V-Lite Mach 3 WPI possui entressola em EVA que oferece duas densidades diferentes para maior amortecimento. A bota da Hi-Tec possui ainda a tecnologia Ion-Mask, inovadora tecnologia impermeável.

V-LITE Rapid Aero

O V-Lite Rapid Aereo da Hi-Tec é o tênis ideal para quem deseja um tênis de corrida de aventura que ofereça conforto, leveza e durabilidade. O Sistema de Construção V-Lite reduz consideravelmente o peso sem comprometer o desempenho e a durabilidade. A Palmilha Confort-Tec possui duas densidades em EVA permitindo melhor absorção

de umidade e maior amortecimento. O solado Vibram, desenvolvido para terrenos acidentados, aumenta a aderência, a tração e reduz o risco de torções laterais sem perda de conforto. O V-Lite Rapid Aereo possui ainda a tecnologia inovadora Ion-mask, tecnologia impermeável exclusiva da Hi-Tec.

HI-TEC®

www.hi-tec.com

04 ecos

05

Pesquisa em montanha

Edson "Du Bois" Struminski | PR

Tempos atrás um amigo meu, Alexandre Lorenzetto (Sassá), comentou que no desenvolvimento de pesquisa em montanha, como em outros assuntos relacionados com montanha, eu teria de ser um pioneiro, tendo, com isto, de suportar alguns fardos extras. De fato, quando me remeto ao ano de 1989, quando me iniciei de forma sistemática em atividades de pesquisa em montanha, percebo que não havia, realmente, muito o que dizer a respeito de uma identidade relacionada a pesquisas em ambientes montanhosos. Pesquisava-se instabilidade de taludes, Floresta Atlântica, fauna de encostas, erosões, etc. Evidentemente a atividade de pesquisa em montanha já existe há muito tempo, séculos eu diria, porém a identidade "pesquisador em montanha", é algo recente, que, ao meu ver, tem relação direta com nossa experiência de montanhismo, um interesse particular, talvez, em permanecer um tempo a mais estudando um ambiente que tanto nos fascina. Existem muitos biólogos, geólogos, etc, que acabam abraçando os temas da natureza em montanhas, porém, quando este profissional tem uma experiência adicional de escalar paredes ou de se embrenhar em locais não usuais em montanhas, é claro que sua pesquisa ganha mais qualidade e sabor.

Na verdade desde muito tempo os pesquisadores, principalmente aqueles que trabalham em áreas naturais, já devem ter percebido vantagens em associar suas atividades com os montanhistas. Como os equipamentos usados pelos montanhistas são leves e resistentes, acabam se tornando o ideal para quem quer que faça alguma pesquisa na natureza, seja subindo até a copa de árvores, seja pesquisando morcegos em uma caverna. Com isto acredito também que hoje o leque de assuntos pesquisados em montanha é muito variado. Isto acontece porque existem muito mais montanhas sendo acessadas por pesquisadores, novos assuntos em montanhas que requerem atenção e também uma nova geração de pesquisadores/montanhistas disposta a contribuir com seus esforços.

Também existe um número maior de usuários de montanha, de tal forma que este assunto, gente na montanha, se tornou um tema recorrente em trabalhos acadêmicos que eu leio. Então sociólogos, psicólogos, filósofos, encontram também temas fartos para pesquisar quando o tema envolve montanhas.

Espaços para pesquisa

Imagino que, talvez, como disse o Sassá, meu pioneirismo tenha relação com a necessidade de firmar a identidade do "pesquisador montanhista" e de proporcionar

espaço para que este pesquisador possa mostrar e valorizar sua atividade, algo que, a meu ver, o diferencia dos demais pesquisadores, pois o ambiente natural da montanha simplesmente gera demandas físicas e psicológicas adicionais que os demais pesquisadores, não se veem obrigados a enfrentar. Por exemplo, um pesquisador que instale uma estação meteorológica em uma montanha terá de enfrentar caminhadas duras para obter o mesmo dado que na cidade ele teria simplesmente consultando a internet.

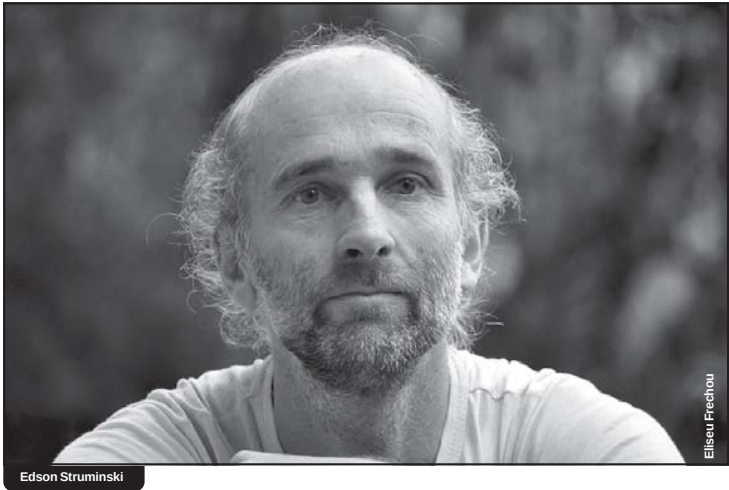
Como iniciativas recentes para valorizar esta identidade do "pesquisador montanhista", fomentei a criação de dois espaços importantes para a pesquisa nestes ambientes. O primeiro é um espaço informal, um portal da internet, o www.pesquisaemmontanha.wordpress.com, provavelmente já conhecido por muito leitores do MV. Neste portal são feitos resumos e links para trabalhos técnicos e científicos, mapas, imagens e fotos sobre assuntos relacionados a montanhas. O portal foi desenhado por mim e por Hebert Sato e recebe trabalhos de todos os lugares do Brasil e de docs em espanhol e português de Portugal. Ele irá se ampliando naturalmente e com o passar do tempo deverá ser aperfeiçoado para facilitar a busca dos leitores. Ele está aberto para receber trabalhos e contribuições e já possui alguns milhares de acesso e dowloads de trabalhos.

Outro espaço, porém com caráter formal, do qual participei da criação foi o Grupo de Pesquisa em Montanha junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à UFPR. Este grupo congrega alguns pesquisadores ligados à UFPR ou convidados que desenvolvem pesquisas em montanhas, sendo, portanto, identificados com este ambiente natural. Acredito que com o passar do tempo este grupo de pesquisas poderá fomentar projetos e arrecadar recursos para treinar mais pessoas para desenvolver pesquisas.

Porque das pesquisas em montanha?

Embora tenha tentado inicialmente (desde 2005) fomentar estes espaços em instituições de montanha (clubes, federações), acabei chegando à conclusão que o perfil de pesquisa se encaixa melhor dentro de instituições científicas tradicionais, como a universidade.

Apesar de não ser muito comum, já ouvi contestações sobre minha propensão a divulgar pesquisas feitas em montanhas em ambientes da internet. Também já li declarações de repúdio a atividades de pesquisadores em montanha, ou mesmo narizes torcidos por ter desenvolvido pes-



Edson Struminski

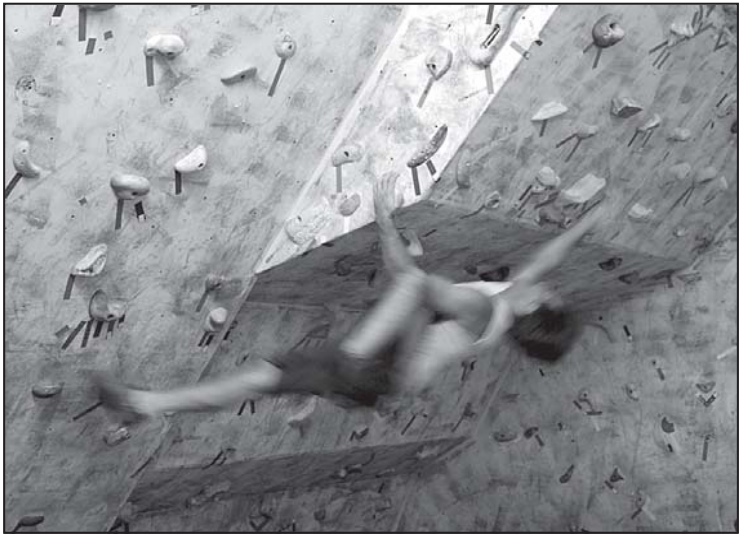
Eliseu Frechou

quisas que acabaram, no final, trazendo benefícios direto aos montanhistas (como por exemplo sobre ecologia de trilhas), por desconhecimento das metodologias usadas nas pesquisas. Entendo que suportar este tipo de declaração é um dos fardos de ser pioneiro, pois são comentários que apenas demonstram falta de conhecimento ou mesmo preconceito quanto ao valor da ciência, algo que hoje em dia já não leva a lugar nenhum. Pessoalmente acho que se temos pesquisadores montanhistas, somente temos a ganhar, pois são pessoas sensíveis aos ambientes das montanhas e às necessidades que temos em escalar-las. Além disso, embora a pesquisa em montanha seja um assunto bastante técnico e nem sempre acessível ou do interesse de muitas pessoas que frequentam montanhas, é evidente que nós, montanhistas, nos beneficiamos direta-

mente da pesquisa e do desenvolvimento científico e tecnológico. Nosso equipamento deriva de pesquisa contínua, caso contrário ainda estaríamos escalando com cordas de sisal e mosquetões de aço. Se não houvessem pesquisas, estaríamos andando somente em trilhas degradadas. Muitos dos locais onde andamos, aliás, são unidades de conservação que derivam do trabalho de pesquisadores. Acredito que, na falta de coisa melhor, dependeremos cada vez mais da ciência e da tecnologia para conservar nossas montanhas. O melhor que nós montanhistas faremos será, cada vez mais, tentar colocar esta excelente ferramenta a nosso favor e a favor da conservação das montanhas que tanto amamos, dialogando e apoiando os pesquisadores.



Complexidades da escalada



André Berezoski | SP

O cenário se repete, um competidor de ponta da Copa do Mundo de boulder se classifica em primeiro nas eliminatórias, desbancando os grandes nomes em jogo, já na fase seguinte, o mesmo não é capaz de se classificar para as finais entre os oito melhores. Como pode essa diferença tão gritante ser fator limitante dentro da mesma competição? E em um espaço de tempo tão curto? A complexidade na escalada é a responsável por tantas variáveis. Por mais que a escalada tenha sido reconhecida somente agora pelo COI, e em alguns anos nas olimpíadas, este esporte apresenta uma série de complexidades e detalhes que a transforma em um dos esportes mais completos que se tem notícia, não só pelo aspecto físico, que por si só renderia aqui páginas e páginas, mas do ponto de vista tático, técnico e psicológico, se tornou um esporte tão complexo, que poucos estudos científicos existem à disposição para se abastecer de informações. Muitos livros, vídeos e revistas podem teorizar e apresentar técnicas e soluções, mas só a real vivência ou "mão na agarrar" no dia a dia para experimentar movimentos e "movimentos".

É comum a seguinte analogia: um pianista pode começar a tocar desde criança, o que resultará em um excelente músico se tocar por toda sua carreira e vida, mas é impossível até mesmo para este indivíduo, conseguir tocar todas as combinações possíveis de notas musicais oferecidas pelo piano. Na escalada acontece algo similar. Mesmo as gerações nascidas entre montanhas e equipamentos, tendem a superar a cada dia novas barreiras, escalando graus até então não imaginados, mas até mesmo para eles, um movimento ou alguns movimentos inéditos podem aparecer dentro de uma via ou boulder escalado pela primeira vez, forçando o mesmo a se adaptar ou tentar encontrar outra solução que esteja fora do seu repertório.

E é exatamente o que tem acontecido principalmente em etapas da Copa do Mundo de Boulder. A cada fase, uma competição paralela acontece, ou seja, a cada boulder, movimentos e estilos distintos se apresentam para os competidores, deixando desorientado até mesmo o mais forte

fisicamente e mentalmente, onde, para uma competição deste nível, estar bem preparado, taticamente e tecnicamente, é fundamental e pode sim superar um bom par de braços fortes.

Se considerarmos que uma agarrar pode girar 360º com um aperto de chave, e que esta pode combinar com uma ou duas agarras de pé, e que esta combinação pode variar em distâncias e inclinações de positivas a negativas, temos assim combinações infinitas, ou pelo menos trabalho em tentar catalogar ou experimentar o máximo possível de movimentos por muitos e muitos anos. É por esse motivo que dentro do aprendizado da escalada, quanto mais movimentos (corretos) um escalador conseguir realizar em sua sessão de treinos, mais completo e eficaz será sua evolução, e a referência a "correto" se aplica aos movimentos mais eficazes em relação ao "posicionamento básico", onde uma forma mais equilibrada e encaixada na parede resulta em uma economia maior de energia e movimentos fluídos, e esses movimentos mais utilizados frequentemente, podem e devem ser armazenados em uma "pasta" de rápido acesso no seu "HD"; já os movimentos mais estranhos, a princípio, podem ir para outra "pasta" de acesso posterior, quando a movimentação passa a ser mais explosiva, fora de esquadro ou desequilibrada. Geralmente quando se entra na fase do boulder mais intenso, aqueles movimentos que até então foram descartados por serem totalmente fora dos padrões normais, podem servir perfeitamente nesta fase.

Uma parede cheia de agarras e opções sempre será uma boa ferramenta para experimentar e armazenar movimentos. Agora imagine que há 15 anos atrás, as paredes tinham poucas agarras para treinos, o que, de certa forma, contribuiu por sua vez em forçarmos a inventar e reinventar movimentos para podermos treinar, criando, assim, movimentos tão estranhos que, após tantos anos, as "pastas" com estes movimentos passam a ser abertas e utilizadas com mais frequência, e o que era para nós antes desmotivante, se converteu em uma base muito sólida dentro da evolução.

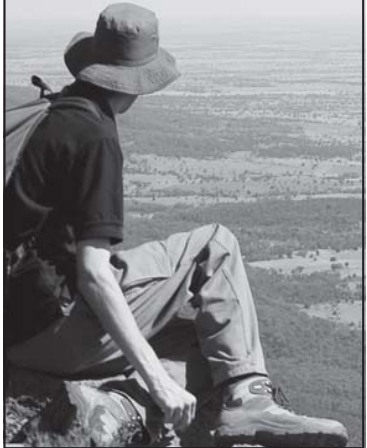
Existem escaladores que "sobem" uma via e outros que "escalam" esta via, não que o estilo seja fator determinante, mas presenciar uma escalada feita com total domínio é no mínimo um fato a ser acrescentado dentro de seu repertório geral, pois paralelo a esta execução de movimentos, o fator psicológico sempre anda agregado, por vezes trazendo muita motivação, mas por outras, uma desestruturação geral. Acrescentando mais um item dentro desta infinidade de combinações, existem ainda os "dias e dias da escalada", dias que inexplicavelmente seu corpo e mente simplesmente não reagem como no dia anterior ou posterior, medo de quedas ou outros medos, acrescentam várias "pitadas" a mais nessa receita tão complexa.

Aprender a escalar pode ser uma arte, uma dança, um esporte completo e complexo, mas dominar técnicas e estilos é muito mais do que sair do chão e chegar ao topo, muito se consegue na base da insistência e adaptações físicas, mas os escaladores mais completos hoje em dia são os que conseguem se adaptar com mais rapidez, e como num jogo de cartas, se apresentado um jogo que lhe dê alguma vantagem, é um golpe de sorte, mas ter na manga boas cartas e saber jogar na hora certa é o que faz a diferença, seja em um boulder, uma fase, uma competição inteira, ou na escalada em rocha, aquele que "flutua" em qualquer tipo de rocha, altura ou inclinação, e o mais importante: deixando o grau como consequência de uma base sólida adquirida com muitas horas de "voo".



Qualidade para clientes especiais.

Rua Apeninos 803 Paraíso São Paulo
11 3562 1801 www.penatrilha.com.br





Black Diamond™

Utilize o nosso ecommerce e adquira os produtos Black Diamond sem sair de casa. Verifique também as ofertas exclusivas.

Distrib. no Brasil: noZica Com. Imp. Mat. Esportivo Ltda.
Informativos no site: www.nozica.com.br
Email: contato@nozica.com.br
Tel: 11 4496-1076



www.blackdiamondbr.com.br

Polêmica no Cerro Torre



Quando a ética é deixada de lado - ou se confunde com estilo - quem sofre é a montanha. Na temporada passada, um escalador esportivo tentou liberar a rota do Compressor no Cerro Torre, e deixou para trás um verdadeiro rastro de lixo na montanha.

ELISEU FRECHOU | SP

Na manhã de 3 de fevereiro de 1959, após 6 dias enfiado numa cova de gelo, esperando em vão os companheiros Cesare Maestri e Toni Egger que estavam na face leste do Cerro Torre, Cesarino Fava não tinha mais dúvidas a respeito da perda dos amigos. Fava então arrumou sua mochila e começou o caminho de volta. Num último olhar para a montanha, avistou um ponto negro no glaciar e no mesmo momento largou seus equipamentos e correu ao encontro do ponto que se mostrou ser Maestri. Mais morto do que vivo, o escalador italiano só conseguiu pronunciar três palavras: "Toni, Toni, Toni". Iniciou-se ali uma das maiores polêmicas no montanhismo moderno. Cesare Maestri já era lenda no montanhismo mundial quando nesta ocasião, reclamou para si e Egger a primeira ascensão do Cerro Torre, um pico considerado inatingível até então. Infelizmente,

sua ascensão careceu de provas, e só restou sua voz para anunciá-la, uma vez que seu companheiro Toni Egger sucumbiu num dos rapéis da descida. O mundo se dividiu entre os que acreditavam e os que duvidavam no italiano. O renomado alpinista francês Lionel Terray, conquistador do Fitz Roy, considerou a façanha de Maestri a escalada mais difícil do mundo. Mesmo assim, já cansado da polêmica, Maestri retornou ao Torre 11 anos depois.

Compressor

A ascensão de 1970 também foi polêmica. Com uma estratégia de subir à qual-quer custo, Maestri carregou para cima um compressor, com o qual instalou 450 grampos na parte superior da montanha, inclusive na chamada "bolt ladder". Estes, provavelmente são os grampos mais famosos da história das montanhas. Reinhold Messner escreveu na época um artigo chamado "O assassinato do impossível",

no qual falou: "Os tempos mudam, assim como seus conceitos e valores. A crença no equipamento, foi substituída pela própria crença..."

Em 1971, um ano após a conquista, o inglês Leo Dickinson escalou e filmou a rota do Compressor Route. Dickinson na ocasião, deixou apenas algumas peças na parte alta da montanha, perto das torres de gelo. Apesar de não ter atingido o topo, também não adicionou qualquer equipamento fixo.

Em novembro de 2009, o jovem escalador esportivo David Lama partiu para a Patagônia argentina com seu companheiro Daniel Steuerer para tentar liberar a via do Compressor e no projeto, produzir um filme para seu patrocinador. Após três meses de mal tempo, o time de Lama se retirou, desistindo do projeto, mas para a ira dos montanhistas de todo o mundo, deixando para trás 700 metros de cordas fixas na montanha e cerca de 60 grampos adicionados à rota de Maestri, sujando de forma definitiva a rocha e ferindo o direito autoral.

Em entrevista no site www.redbull.com antes da viagem, Lama comparou a ética de Maestri com a atual "Maestri, que fez a ascensão de 1970 deixou para trás uma ferrovia de grampos e pitons na face sudoeste, que não condiz com a ética atual... Antigamente, o importante era atingir o topo, não a forma como foi feito.... Não é do nosso interesse deixar nenhum traço na montanha". O que aconteceu então? Segundo o guia argentino Horacio Graton, foram inclusive instalados grampos para um novo rapel do Col de La Patencia até o chão, pela equipe de filmagem, e de acordo com o também renomado guia argentino Rolando Garibotti, "era possível de serem usados proteções móveis e naturais, mesmo por que, Maestri não adicionou nenhum grampo lá", e diga-se de passagem, Maestri rebocou seu compressor quase até o cume do Cerro Torre. Graton e outros montanhistas foram contratados no final da estação para limpar parte do equipamento da montanha, mas os grampos inúteis ficarão lá, para sempre.

Veja abaixo, o que **Edemilson Padilha**, que já escalou as Agulhas Guillaumet, Mocho, Media Luna, De La "S", Rafael Juarez, Poincenot, Saint Exupery, Cerro Fitz Roy e Cerro Torre tem a dizer sobre o ocorrido:

De tempos em tempos esta montanha emblemática volta à cena, sempre por conta de controvérsias, conflitos e também por feitos impressionantes do alpinismo mundial. Este ano, mais uma vez vem à tona o

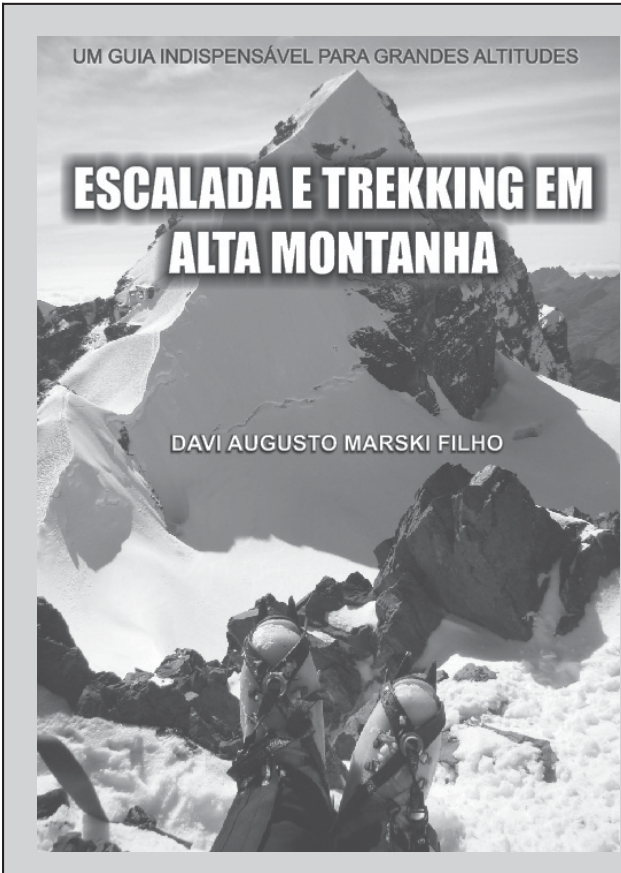
assunto Cerro Torre na crônica do alpinismo internacional, agora por conta de um "dilema ético", como disse o grande escalador argentino Rolando Garibotti, em artigo para a Desnivel (<http://www.desnivel.com/deportes/alpinismo/object.php?o=20025>).

Tudo começou com a divulgação de um grande projeto de escalada patrocinado pela Red Bull. Nele, o jovem escalador David Lama publicitou que faria uma tentativa de escalar a controversa Via do Compressor "em livre". Até aí tudo bem, mas o problema teve início quando este abandonou 700 metros de corda pela via e nada menos de 60 proteções fixas na primeira metade da via! E por causa do mau tempo não conseguiu liberar nem um metro sequer de via.

Realmente é um problema ético, porque nem Maestri quando conquistou a via do Compressor em 1970 necessitou colocar proteções fixas neste trecho de sua rota. Em 2005 fui o terceiro brasileiro a escalar esta via, e realmente nesta parte há muitas opções de fissuras para colocar proteções móveis e pitons. Uma prova disso é que em 1990 o cineasta Werner Herzog filmou No Coração da Montanha (Scream of Stone) também no Cerro Torre e não adicionou nenhuma proteção. Parece meio ilógico colocar mais proteções em uma via que já possui cerca de 400 grampos de expansão!

Adicionar proteções fixas em uma via existente vai contra todas as normas de bom comportamento nas montanhas, ou seja, é contrário à ética que devemos respeitar para podermos nos mover pelo mundo da montanha. Este conjunto de normas está expresso na Declaração de Ética de Montanha da UIAA (União Internacional das Associações de Alpinismo) (<http://www.desnivel.com/object.php?o=19385>). Nela está escrito que "não pode ser automaticamente assumido como aceitável colocar ancoragens fixas em vias novas ou antigas" e que quando vamos a um local fora de nosso país ou de nosso ambiente de escalada, devemos "respeitar a ética e o estilo local". Bem, até mesmo Maestri, quando colocou todos aqueles grampos foi duramente criticado, pois atualmente se questiona que poderia ter forçado uma linha mais "natural". É realmente lamentável esta atitude de David Lama e de Red Bull, pois demonstra um comportamento egoísta e desrespeitoso.

Segundo relatos, as cordas fixas foram retiradas por escaladores argentinos, mas as chapeletas ficarão para sempre. Pelo menos esperamos que elas sirvam como exemplo do que não se pode fazer nas montanhas.



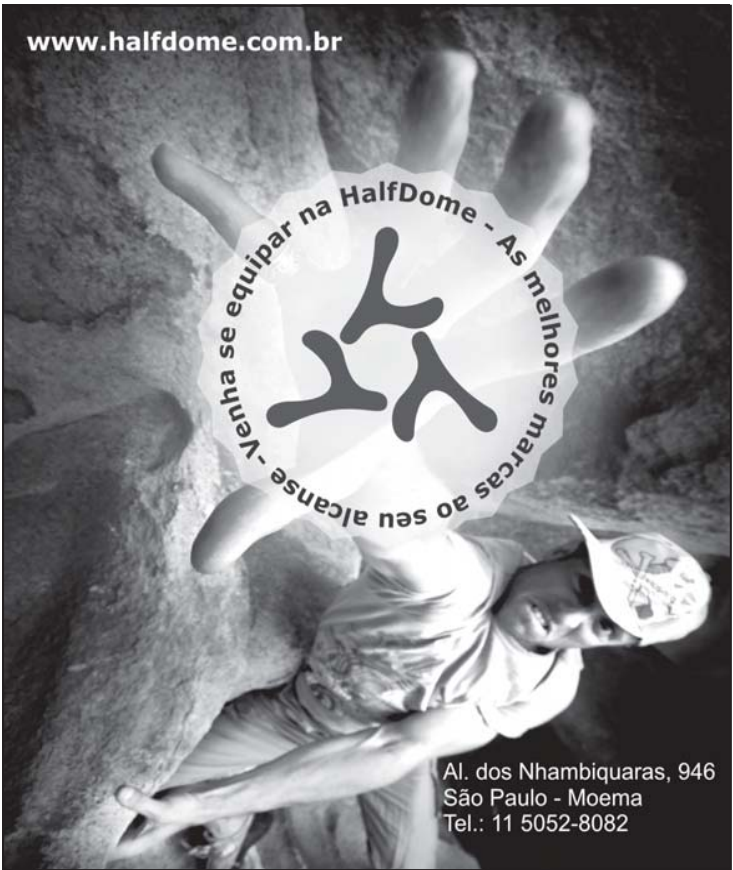
Escalada e Trekking em Alta Montanha

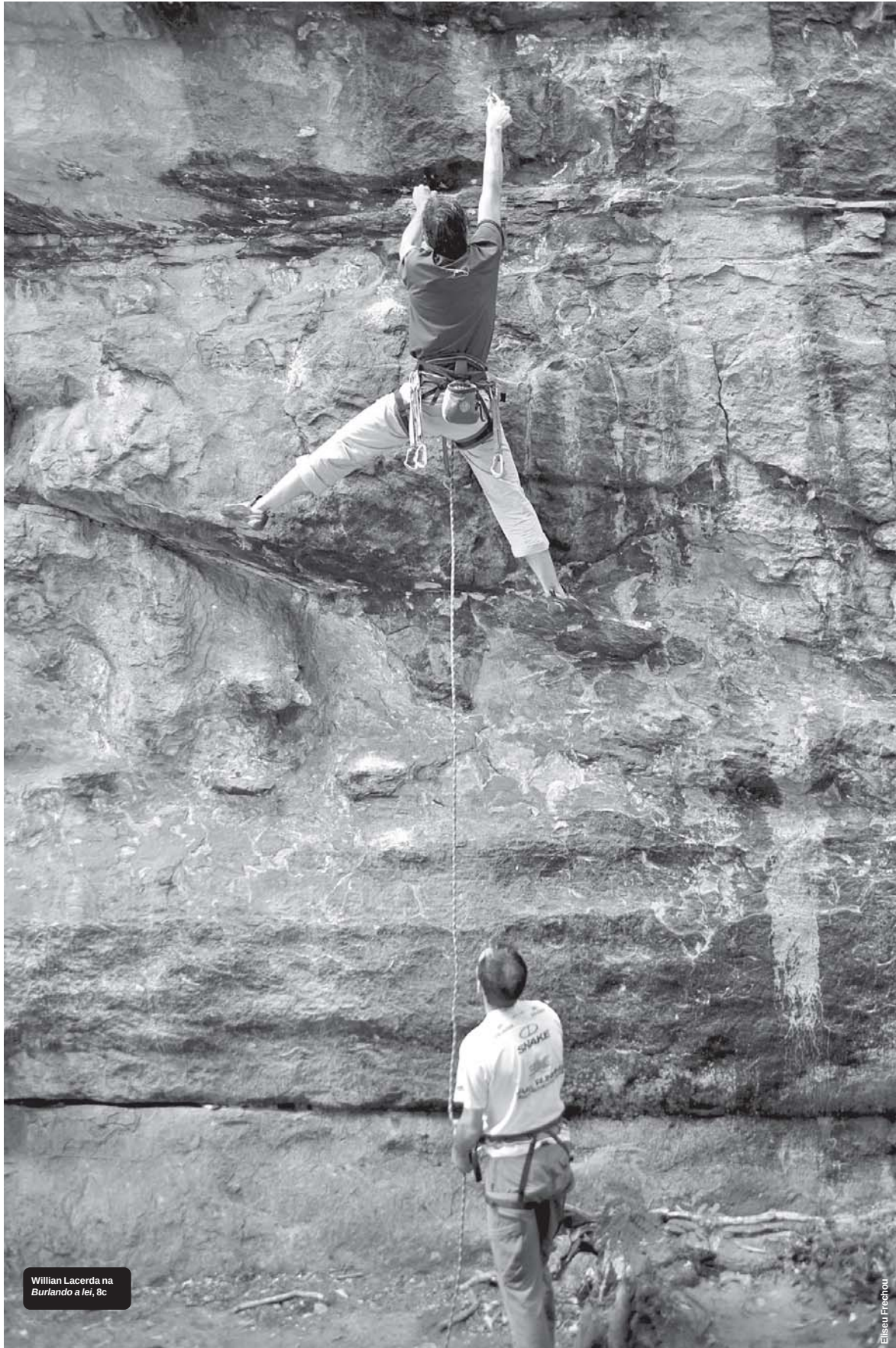
Como o próprio título diz, o livro trata dos assuntos relacionados às atividades em Alta Montanha, seja um trekking ao acampamento base do Everest ou escaladas das grandes montanhas.

Aborda assuntos importantes como planejamento, logística, escolha de equipamentos, técnicas de segurança em trânsito de glaciares, escalada em gelo, orientação, uso de GPS, mínimo impacto, fisiologia de altitude, tratamento de doenças típicas de altitude e como bônus ainda traz a "Declaração do Tirol".

Fartamente ilustrado e com mais de 400 páginas o livro pode ser encomendado pelo site do autor : www.marski.org e custa R\$ 47,50 já com o frete incluso para qualquer lugar do Brasil.

O autor, Davi Marski é escalador e guia de montanha há mais de 20 anos tendo escalado dezenas de montanhas com mais de 4.000m.





Willian Lacerda na
Burlando a lei, 8c

Eliseu Frechou

Texto: Willian Lacerda, PR

Ponta Grossa

Setor Macarrão

O setor Macarrão está localizado na cidade de Ponta Grossa, a apenas 100 km de Curitiba, e certamente junto com os setores de São Luís do Purunã e o salto São Jorge são os principais pontos de escalada em arenito no Paraná.

Os primeiros *top ropes* surgiram na década de 90 com o Wilson de Souza e a galera do grupo de Escalada Cidade de Pedra (GECP), inclusive o próprio nome do setor surgiu por causa de um miojo que não fez uma boa digestão no Wilson.

Após um tempo parado o setor foi ganhar a primeira via chapeletada em 2000, quando o Alisson e o Marcelo Tereza resolveram investir e grampearam uma linha inteira que hoje é a *Fenda do Tereza* (9b, bateram algumas chapas no meio da parede e mais nada. Após isso, em 2004 Eu, Ed e o Val fomos dar uma conferida na parede, chegamos a abrir uma via em artificial (rsrs) que hoje é um 9a/b (*Ritmo terminal*), mas na época a visão era outra e deixamos o setor.

Praticamente esquecido e abandonado, após um mês de chuvas em 2007 e nada de escaladas eu, Marcos, Bina e Fabiano (Paolo) resolvemos fazer uma caminhada à procura de algumas paredes novas e ver aquelas paredes novamente com um olhar mais clínico; não caminhamos muito e nos depa-ramos onde hoje é o setor da Frente, que com aquela chuva estava sequinho, era só escalar. Estava resolvido nosso problema! Vias negativas, agarras grandes e ainda não molhava... Um para-iso! Voltamos para casa decididos e já sabíamos onde gastaríamos as energias dos meses seguin-tes.

Começamos a primeira via na marreta mesmo no fim de semana seguinte e não paramos mais, tive-mos a ajuda do Ed, Val, Kava e do Binho que contri-buíram com algumas vias também. Hoje o setor do Macarrão já conta com mais de 50 vias contan-do todas variantes e travessias.

Setores e vias

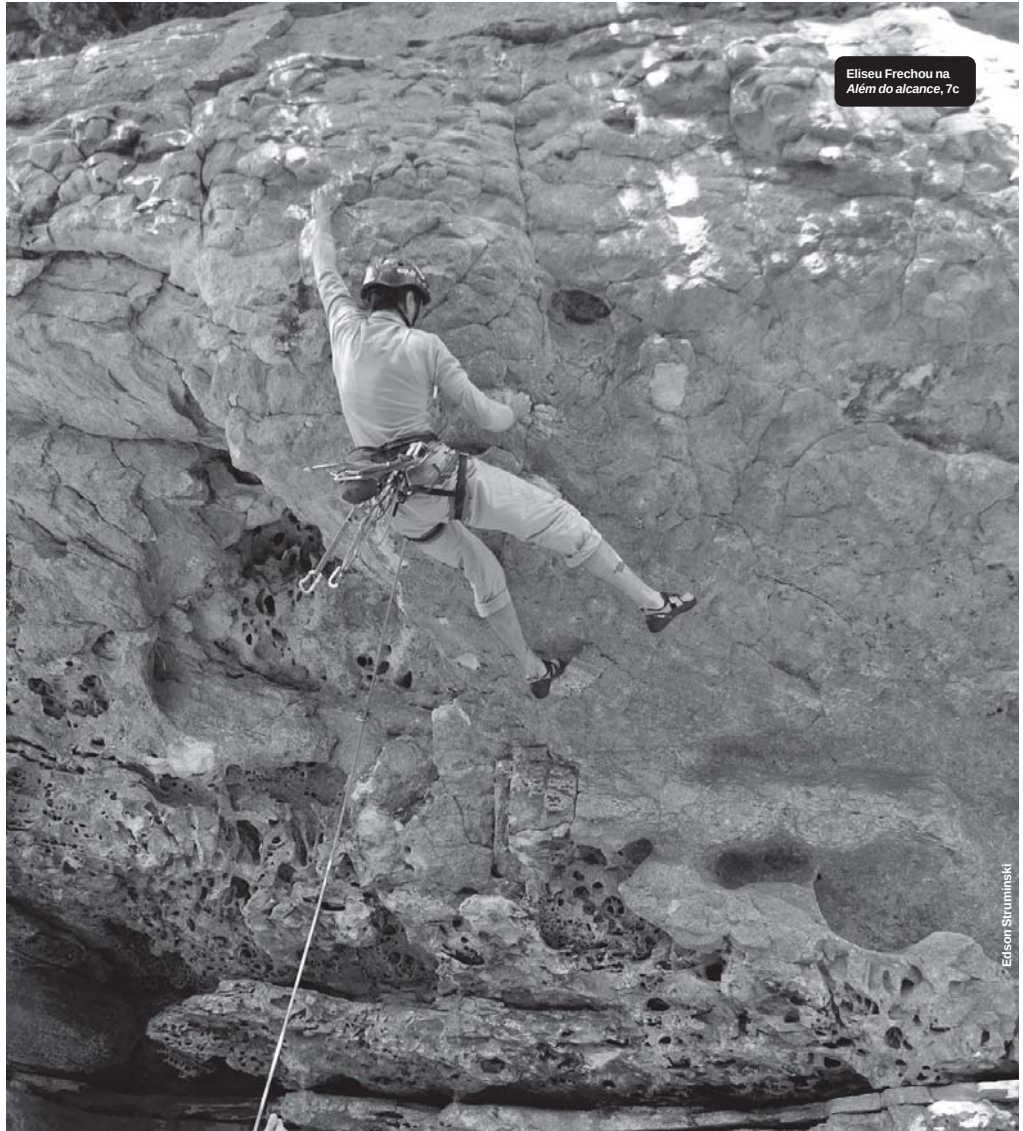
O setor da Frente possui vias mais fácies, de 6º a 8º grau, e travessias que chegam a ter 18 costu-ras e com possibilidade de 10º grau; já o setor do fundo é mais silencioso, menos freqüentado, com paredes maiores, agarras menores, muitos abau-lados, de mais respeito. Hoje ele já tem 18 vias que vão de 7º a 10ºB e ainda varias possibilidades de novas linhas.

Para quem não conhece fica o convite, garanto que não vai se arrepender, Boas escaladas!!!

Ps: como chegar: quando entrar em Ponta Gros-sa, tocar sentido centro e depois ir sentido o campus da Universidade Estadual de Ponta Gros-sa, na rótula da entrada do Campus seguir senti-do Buraco do Padre (+ - 28Km), entrar na estrada de chão que indica o caminho do Buraco do Pa-dre, depois de uns 5 Km, atravessar a ponte virar a esquerda e no lugar de continuar na estrada, abrir a porteira e ir em direção as paredes, não tem erro, tem um lugar próprio para deixar o carro no fim da estrada. Os croquis se encontram em uma garrafa na base das vias e em breve estará saindo o guia com todas as rotas que o Fabio Barros (Binho) e a Lilian (Malu) estão publican-do.

Não acampe na base das vias, não ande com o carro em cima da plantação, não faça fogueiras; a área é particular e todos deverão respeitar para não perdermos o setor.

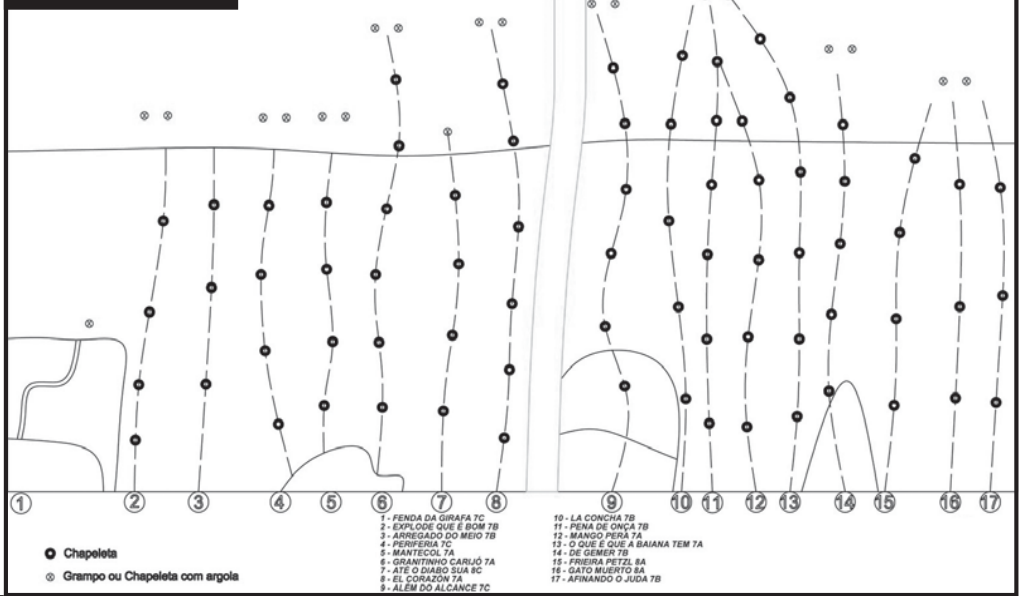
Infos: www.willianlacerda.blogspot.com

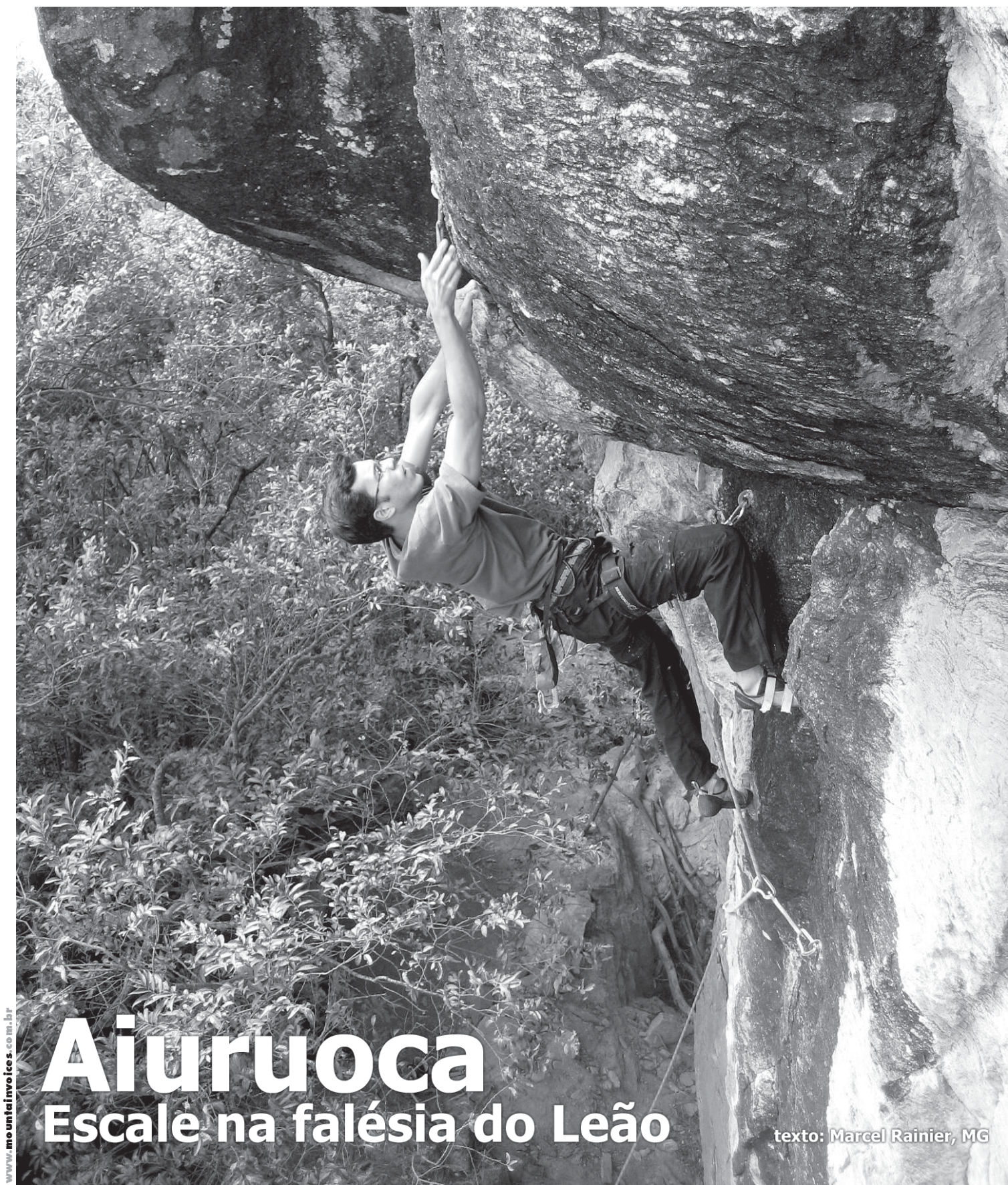


Eliseu Frechou na
Além do alcance, 7c

Edson Struminski

Setor da Frente





Aiuruoca

Escale na falésia do Leão

texto: Marcel Rainier, MG

Aiuruoca, " casa de papagaio" na língua dos antigos habitantes indígenas do local, se refere ao pico que servia de morada a um grande numero destas aves. O município abriga um conjunto de montanhas que fazem parte da Serra da Mantiqueira. De povo hospitaleiro e acolhedor faz da pequena cidade um lugar místico! Seja para escaladores ou montanhistas sua beleza encanta, nela esta situado o Parque Estadual da Serra do Papagaio com seu pico chegando a 2.200 mts de altitude e dividindo vários setores de escalada na parte alta da serra. São eles: pedra redonda, pedra do fogão, Santuário. e muitos boulders espalhados por toda parte alta. Alguns picos foram citados no guia do Planalto do Itatiaia e região sul do RJ e MG, por Eliseu Frechou e Felipe Guimarães em 2007.

Esta falésia foi descoberta em 2003 por Marcos sherpa e eu quando andávamos pelas bandas a procura de locais para abrir novas vias e mais desafios já que na região havia poucos escaladores e vias esportivas, pra ir escalar tínhamos que caminhar cerca de 2 horas até a parte alta do pico papagaio para um bate e volta, trilha pesada e longa, mas muito bonita. E precisávamos de um local mais próximo e fácil acesso para escalar. Ai encontramos a falésia do leão um granito escondido por entre as árvores que se divide em setores próximos, está localizada em propriedade particular, fora dos limites do parque na estrada que vai para capoeira grande, trilha de fácil acesso e poucos minutos de caminhada de onde se deixa o carro. Não acreditamos no que vimos pois as possibilidades eram muitas, teto, paredes verticais de regletes constantes, fendas perfeitas, paredes negativas e muita surpresa ainda.

Rotas maravilhosas

De primeira abrimos a via vô da coruja 5º móvel, pois o Fabinho (universo vertical) tinha emprestado as peças pra gente brincar um pouco e dei inicio a via leões da tribo. E o pico ficou sem mais conquistas e esquecido por um tempo! Já que tínhamos outras vias na parte alta do pico do papagaio para terminar e o trampo não podia parar pois as vias longas estavam surgindo. Em abril de 2009 eu chamei Emilio (cigano) e Samuel para dar continuidade em uma via a leões da tribo ai não paramos mais as marretadas, conquistas e aberturas de novas vias com muito suor, dedicação e ate bivaque no local com encontros inesperáveis com cascaveis, ufa... A falésia foi divididas em vários setores: Setor arapua, Setor do mirante, Setor do teto, e Setor platô! Ao todo já são 21 vias na maioria de resistência e muitos regletes, abaulados,batentes, um pouco de tudo, constantes, a rocha é negativa no mais abrasivo granito com colorações laranja, chegando a 30 metros em alguns setores! Todas as vias possuem paradas duplas com grampos 1/2 e chapeletas fixe! Ainda tem potencial para abertura de novas vias

em outros setores próximos e mais vias vêem surgindo com trabalho de vários escaladores que dedicam os finais de semana de trabalho duro! Cuidado na trilha e também com o local, pois os setores ficam entre as arvores em local preservado, escaladores já encontraram com cascavéis, e aranhas por isso vale redobrar a atenção!

Para a realização, contenção de trilhas, trampo de ralação e muito mais, agradeço ao brothers: Emilio (cigano), Daniel Arantes, Marcos Sherpa,RaulQuintiliano,Mateuzinho, Andrézinho, Samuel, Galera de Aiuruoca: Pedro guatimosim, Tiaguinho, Antônio,Carlos. Pedro cruzillia, Ewerton (tutu), Rafael Arantes, e mts outros.

Setor teto

Jaratataka 8c (Marcel e Emilio)
Poder do leão 8a (Marcel e Daniel Arantes)
Leões da Tribo 7b mista (Marcel , Emilio, Samuel)
Birro Birro 8c (Marcel , Emilio)
Locura não tem cura 8b mista (Marcel, Daniel Arantes)
Chaminé marcos sherpa 5º (Marcos Sherpa)

Setor Mirante

Vôo da coruja 5º móvel (Marcos sherpa, Marcel)
Caça ao tesouro 7b mista (Mateus e Marcel)
Evolution – projeto (Marcel e Emilio)
Black gold 8º b (Marcel e Daniel Arantes)

Setor Platô

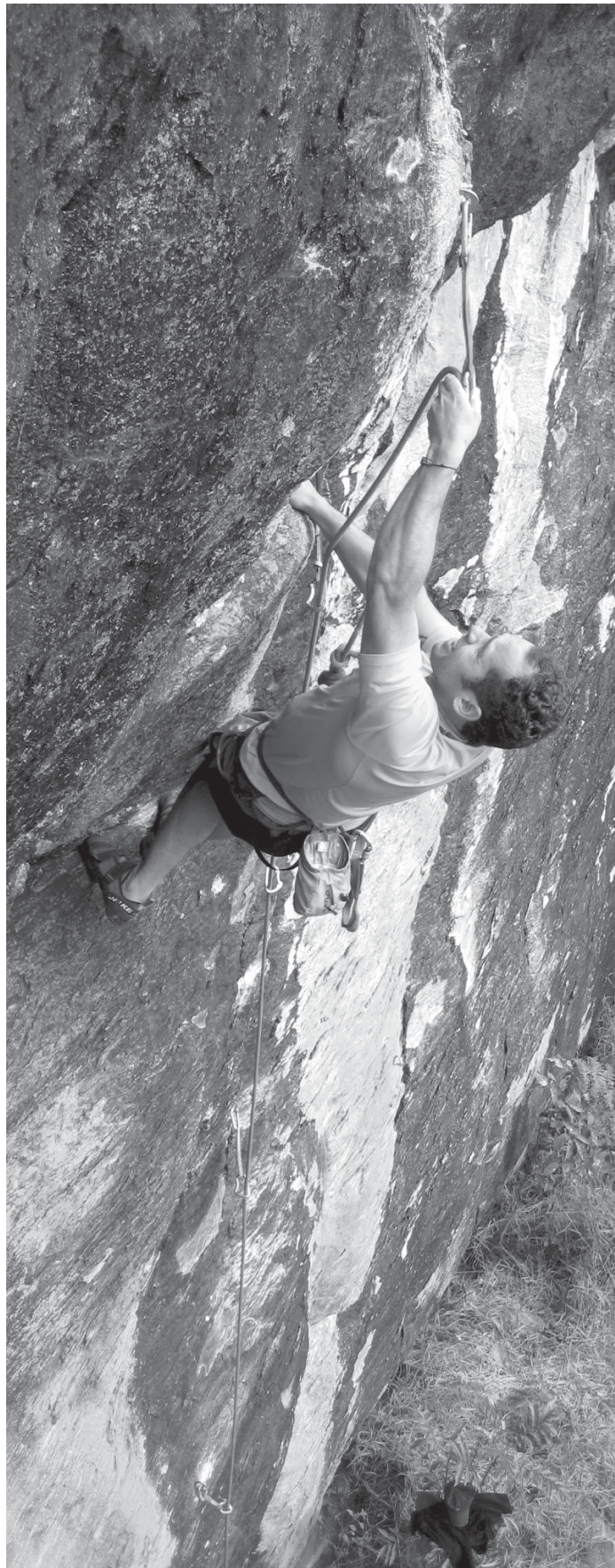
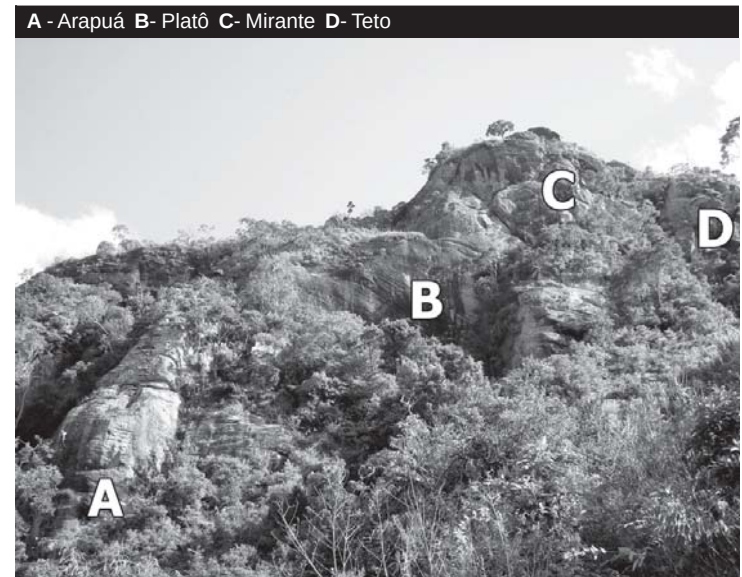
Fire Bird 9a (Marcel e Emilio)
Sexta-feira 13, 8c (Marcel, Tutu, Emilio)
Sinfonia 8a (Marcel e Emilio)

Setor Arapua

Buraco negro 7b (Marcel e Emilio)
Arapua nervoso 7a (Marcel e Emilio)
Buraco do Raul 8b (Raul Quintiliano, Marcel, Emilio)
Kaninana 8b (Marcel e Emilio)
Rei leão 7b (Emilio, Marcel, Samuel)
Feromônio 8a (Marcel, Emilio)
Cascavenosa 7a móvel (Marcel, Emilio)
Pumba 7a (Marcel, Emilio)

Como chegar

A partir de caxambu sul de minas seguir sentido juiz de fora MG pela BR 267 após 35 km estará no trevo de Aiuruoca MG ai só mais 5 km ate a entrada a direita na placa (verde) parque estadual serra do papagaio , seguir em estrada de terra mais 5 km e virar a esquerda sentido capoeira grande (Placa) a falésia já vai estar a sua direita os totens marcam a entrada da trilha! Deixar o veiculo parado ao lado da estrada! Contato: (35)33413221 ou (35)91168179 e pelo e-mail marcelclimb25@hotmail.com





Conheça a seguir a proposta de criação de um novo Parque Nacional, ao longo do espigão central da Mantiqueira, unindo o Horto Florestal de Campos do Jordão ao Parque de Itatiaia. E as razões pelas quais sou infelizmente contrário a esta iniciativa.

ALBERTO ORTENBLAD | SP

Está sendo gestado mais um Parque Nacional no Brasil, unindo as terras do espigão central da Serra da Mantiqueira. A proposta da criação do PNAM - Parque Nacional Altos da Mantiqueira é bem recente, datando de 2009. Foi preparada pelo ICM Bio – Instituto Chico Mendes, o mais novo órgão ambiental do Governo. Ele substituirá o IBAMA na gestão das Unidades de Conservação e na defesa da biodiversidade (como os centros especializados em vida nos mares ou nas cavernas). As consultas públicas em cada município atingido foram iniciadas em março de 2010. Embora o ICM esperasse ter o assunto resolvido em dois meses, sabe-se que o processo tem levantado oposição por parte das populações afetadas. Este artigo procura descrever a exten-

são pretendida para o novo Parque, explicar as justificativas para sua criação e apresentar a minha opinião - no caso, negativa.

A Localização

O PNAM deverá estender-se entre o Horto Florestal de Campos do Jordão e o Parque Nacional de Itatiaia, que foi por sinal o primeiro criado no País. Neste percurso de aproximadamente 100 km, deverá englobar três grandes formações - a Serra dos Pilões, o Maciço dos Marins e a Serra Fina - ligando-as ao Planalto de Itatiaia. Serão 87 mil hectares - adicionados aos dois Parques já existentes em cada extremidade, totalizará 124 mil hectares. O PNAM atravessará 16 municípios ao longo dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e (minimamente) Rio de Ja-

neiro. Cerca de dois terços de sua área estará em São Paulo e o restante, em Minas. Haverá municípios fortemente afetados, como Piquete, Queluz, Passa Quatro e Delfim Moreira, que deverão ceder algo como um terço de seus territórios. Outros quatro perderiam um quarto de suas áreas. Devido à forte declividade da região, apenas 10% do total seria representado por afloramentos rochosos e campos de altitude. Como a proposta procura alcançar as encostas nos lados paulista e mineiro da serra, as florestas que as recobrem corresponderiam a 80% do PN, de longe a maior parte de sua área. Devido à importância da Serra da Mantiqueira, esta região é sujeita a uma razoável vigilância ecológica, de tal forma que 50% da área do PN já é composta por APAs. Mas deve também ser

lembrado que serão afetadas fazendas (de silvicultura e pecuária), casas de veraneio, empreendimentos imobiliários e pousadas (inclusive a tão antiga e especial Pousada do Barão).

A Justificativa

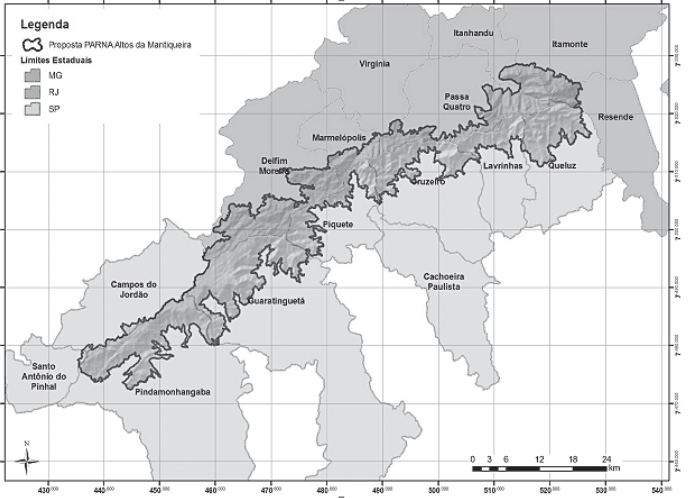
A principal razão para a criação do Parque é naturalmente a preservação do ecossistema da Mantiqueira. Ainda que situado próximo a várias zonas urbanas, ele é dotado de grandes maciços rochosos, cênicos campos de altitude, extensas florestas de encosta e inúmeras nascentes de rios. Seu relevo variando desde 600 a 2.200m de altitude favorece uma ampla biodiversidade. Além disto, torna-se importante conectar os ecossistemas protegidos, não apenas conservá-los. Isto permite o trânsito das espécies entre os mosaicos interli-

gados que, de outra forma, poderiam ficar ilhadas e vir a sofrer redução ou mesmo extinção. Exemplos recentes desta prática são o grande corredor ecológico do Jalapão em Tocantins e o imenso Parque da Serra das Confusões no Piauí. Evidentemente, existem na região do PNAM várias espécies de fauna ameaçadas. Os estudos citam desde as onças pardas e os macacos muriqui até papagaios de peito roxo e macucos, além de variedades de cobras, sapos e borboletas. Em particular, a Floresta Nacional de Passa Quatro (contígua ao Parque) é considerada prioritária para a conservação de aves, bem como a Fazenda do Onça (inserida no Parque) para a de mamíferos. Mas, muito simplesmente, basta caminhar pelos esplêndidos campos dos Pilões, pela preciosa crista do Marins ou pelas amplidões da Serra Fina para entender a necessidade de preservar a emocionante natureza da Alta Mantiqueira.

Os Problemas

Infelizmente, esta situação não é tão clara, pois existe um abismo entre intenção e execução. A meu ver, há três importantes razões que desaconselham, nas atuais circunstâncias, a criação deste Parque. Primeiro, uma simples questão de justiça. As terras tomadas pelo Governo não costumam ser indenizadas. Considerem-se dois Parques bem conhecidos, nas proximidades do PNAM: Itatiaia e Bocaina. Em ambos, os proprietários sofrem uma série de constrangimentos e interferências, sem que tenham sido ressarcidos pelas áreas perdidas. Não tem que estou me referindo ao primeiro Parque brasileiro, criado há mais de 70 anos! Esta é a triste realidade em todo o País, de São Joaquim no Sul e do Jalapão no Centro-Oeste à Chapada Diamantina no Nordeste e Sete Cidades no Norte. Acho um absurdo criar novos problemas antes de resolver os antigos. Se o Governo não solucionou por décadas estas questões fundiárias, que mágica irá torná-lo capaz de fazê-lo agora? Mas, mesmo quando há a intenção de indenizar, a situação é inerentemente injusta, pois cabe ao comprador definir o preço. E, na formação deste, não entram as benfeitorias posteriores à criação do Parque: imagine retroceder 50 anos no caso de São Joaquim ou 40 anos no da Bocaina. Existem outras minúcias que escapam à concisão des-

te artigo, nenhuma delas favorável aos infelizes ocupantes de áreas tornadas públicas. Ao escrever este texto, veio-me à lembrança uma conversa com um sitiante que explorava a principal atração do PN Chapadas das Mesas, criado em 2005 no Maranhão. Naturalmente, ninguém havia até então sido indenizado, mas esperava-se uma proposta do Governo. “Aceite por qualquer valor, provavelmente será sua única chance de ainda receber algo”, disse eu a ele. O segundo motivo é pior ainda. É muito comum nossos Parques serem simplesmente abandonados, com ameaças à flora e fauna. Quando subi a Pedra do Frade na Bocaina, caminhei grandemente por uma trilha de palmiteiros, como se o Parque fosse uma propriedade particular aberta à devastação. O melhor Parque brasileiro fica na Serra da Capivara, área que foi abandonada após a criação do Parque e depredada nos dez anos seguintes, até que fosse assumida por uma fundação privada. Vale lembrar a existência de incêndios (em geral criminosos), gerados nos Parques pelas tensões criadas entre a insensibilidade do Governo e as necessidades das comunidades. Não é preciso retroceder muito para lembrar as tristes vistas calcinadas dos campos do Itatiaia, do Bandeira e da Chapada Diamantina. Nunca vi nenhum guarda-parque nas grandes extensões da Serra do Cipó, da Chapada dos Guimarães, da Serra da Canastra ou dos Aparados da Serra – a razão é que simplesmente não existem ou, quando existem, preferem a sombra protegida das guaritas. Há Parques enormes – do Jaú com 2.300 mil ha, das Nascentes do Parnaíba com 700 mil ha ou da Serra das Confusões com 500 mil ha – com escassos um ou dois funcionários sediados em alguma vila distante, de onde nem de binóculos lhes é possível revelar a presença de lenhadores, mineradores ou caçadores. Confesso que a terceira razão é de natureza egoísta. Lembro-me do tempo em que era possível percorrer as trilhas Rebouças-Mauá ou Ruy Braga em Itatiaia, antes que fossem proibidas. Os antigos contam como se hospedavam nos bem-conservados abrigos da Serra dos Órgãos ou do Pico da Bandeira, hoje demolidos ou depredados. Pergunto quantas estruturas foram criadas na última década para acolher os andarilhos na Ilha de Superagüi, no Pico da Neblina, na Chapada dos Veadeiros,



no Monte Roraima, no Araguaia ou no Parque das Emas. Vocês sabem que nenhuma. E quantos de nossos parques são minimamente sinalizados? Só conheço três com boa sinalização e quase todos os demais sem sinalização alguma. Não seria surpresa descobrir, uma vez o PNAM instalado, que se tornaria proibido atravessar a Serra Fina ou percorrer a crista do Marins. Se é que os acessos a

lugares tão especiais como os Pilões, o Onça, o Itagararé ou a Mina não estariam fechados por imposições arbitrárias. Ao escrever estas linhas, me vem a recordação da narrativa de amigos que tiveram de contornar a guarita do Parque de Itatiaia, a fim de nele entrar despercebidos, para passar alguns dias maravilhosos num espaço que lhes era negado, embora pertencesse a todos nós.



Tá achando que friend é tudo igual?

Você vai entrar é numa roubada!

Escolha bem seus amigos



Texto e fotos: Eliseu Frechou, SP

Falar de equipamentos para proteção, seja fixa ou móvel, sempre é complicado, pois existem diversas variantes, a começar pela rocha. O assunto friends é mais difícil e complexo ainda, pois envolve características únicas de cada modelo que na maior parte das vezes difere demais ou inexistente em outros. Enfim, de uma forma simples, existem características nos friends que podem torná-los mais úteis que outros, dependendo do tipo de escalada que você costuma fazer, e o entendimento sobre o seu desenho poderá ajudar na hora de comprar essas peças - que não são nada baratas.

Haste – existe peças equipadas com hastes rígidas, flexíveis (mono cabo) e flexíveis com formato U. As hastes rígidas (forged friends) podem ser problema nas fendas horizontais, pois se forçar uma alavanca, a haste poderá entortar ou até quebrar. Os mono cabos (Flex friend) são os mais flexíveis, podem ser tracionados em qualquer direção, ainda que dependendo da

torção, percam um pouco a resistência. Já os cabos em U (quadcams) tem uma flexibilidade limitada. O cabo em U tem a função de diminuir a distância entre os comes, possibilitando a colocação da peça em fendas mais rasas. Explico esta qualidade no item abaixo.

Distância entre comes – Quanto menor for a distância entre os comes, mais versátil sua peça será. Para entender, veja a figura ao lado que compara os friends, aliens, quadcams e TCUs. Mas é lógico que há poréns... Vamos começar pelo friend que é mono cabo, boa flexibilidade mas com distância grande entre o primeiro e o último come - se formos medir, é o que precisa de "mais fenda" para ser instalado. O Alien que também é mono cabo, tem as molas instaladas dentro dos comes (que são serrados) e por isso, é bem mais estreito. E esta diferença, de um come apenas, pode ser o que você precisa para fazer uma boa colocação - ou deixar um come para fora da fenda e a peça escapular quando solicitada. Já o Quadcam com seu cabo em U, conseguiu tirar o mono cabo do meio dos



comes, já que o cabo em U é fixo na parte de fora dos comes. Excelente! Os comes do meio ficaram juntos e a distância entre os comes diminuiu ainda mais, só que... o cabo em U não é tão flexível quanto o mono cabo. O mesmo acontece com os TCUs (Three Cam Units), que são micro friends de apenas 3 comes. Os TCUs são ótimos para fendas estreitas, mas limitados na flexibilidade e não muito resistentes em comparação com as peças de 4 comes. A distância entre comes, dependendo da rocha, pode



Os primeiros Friends começaram a ser produzidos na Inglaterra no início dos anos 70. Durante muito tempo, devido à patente, somente a Wild Country os produzia. Hoje, já existe no mercado uma gama incrível de SLCD (spring loaded caming devices), que traduzindo pé algo como "dispositivos de castanhas retráteis", mas que no Brasil acabaram sendo chamados genericamente de friends. O que nos interessa é que eles funcionam bem para proteger em fendas paralelas. Mas nem todos são iguais, e nenhum modelo é melhor do que o outro. Vou tentar de uma forma rápida elucidar quem ainda não tem experiência no assunto à compreender um pouco sobre os diferentes tipos de equipamentos disponíveis nas lojas.



Modelos - Rober Vanna e Luis Gustavo / Foto - Anderson Meira

PROVIDER

WWW.PROVIDER.COM.BR

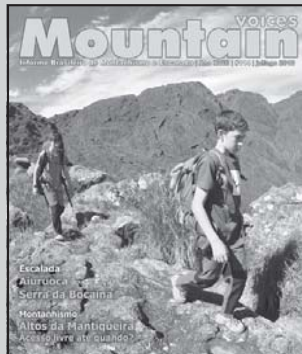
sunglasses*caps*boots*underwear*belts*shirt*bags

PROFESSIONAL MOVEMENT SINCE 2009

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editores: Eliseu Frechou, Vitor B. Frechou, Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Caminhada do Pico dos Marins em Piquete (SP), Serra da Mantiqueira
Foto: Eliseu Frechou

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/11/2010.

Nome.....

Endereço.....

Cidade.....Estado.....

CEP.....Telefone.(.....)

E-mail.....

Idade Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....

Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00
- () DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00
- () DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- () DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00
- () DVD The Movie 1 - Itatiaia - R\$ 25,00
- () DVD Karma - R\$ 25,00

Total00

114

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores.
Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região



LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



THE MOVIE #1
Itatiaia + Chapada Diamantina

Manuais de Escalada e Montanhismo



**Pedra do Baú
Itatiaia
Serra do Cipó**

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso



OS PERRENGUES DE PAULO
ACAMPANDO NA SERRA



CUIDADO COM ESSA LANTERNA PAULO, CUIDADO!!



EU TE AVISEI, AGORA VAMOS TER QUE ENCOMENDAR FOGAREIRO, BARRACA, LANTERNA, TUDO DE NOVO! FALA AÍ O NÚMERO DO SEU CARTÃO!



WWW.EQUINOX.COM.BR

COMPRE ONLINE - TUDO PARA A SUA AVENTURA



CONQUISTA



* novas cores e modelos

Nossa missão nesse inverno:
Protegê-lo do frio e da chuva!



conquistamontanhismo.com.br

O Poder da Aventura!



No Pain, no Gain.

George Volpão ATLETA PATROCINADO TERRITÓRIO, NA PROVA K42 ADVENTURE MARATHON - BOMBINHAS/SC.

TERRITÓRIO
online.com.br

A MAIOR LOJA DE AVENTURA E ARTIGOS DE VIAGEM DO SUL DO BRASIL.